

O amor e o distanciamento social nos tempos da Covid-19: a filosofia e a literatura de pandemias¹

Love and social distancing in the time of Covid-19: The philosophy and literature of pandemics

Michael A. Peters²

Tradução: Daniel Paiva Vasconcelos³

Revisão de tradução: Liziane Kugland de Souza⁴

Resumo: Este artigo aponta para a existência de uma tradição literária e filosófica que trata, de diferentes modos, dos temas da peste, da epidemia e da pandemia. O artigo procura também demonstrar como essa tradição pode nos ajudar a refletir sobre as crises do Antropoceno, com destaque especial para a pandemia de Covid-19, em suas dimensões sanitárias, sociais, culturais, econômicas, políticas, ecológicas e filosóficas. Como forma de enfrentar e superar o colapso de princípios éticos provocado pelo neoliberalismo e pela globalização, o artigo enfatiza a necessidade de reforçar os laços de solidariedade, unindo os cidadãos em prol do bem maior.

Palavras-chave: literatura; filosofia; ética; solidariedade; pandemia.

Abstract: This article points to the existence of a literary and philosophical tradition that deals, in different ways, with the themes of the plague, the epidemic and the pandemic. The article also seeks to demonstrate how this tradition can help us reflect on the crises of Anthropocene, with special emphasis on the Covid-19 pandemic, in its health, social, cultural, economic, political, ecological, and philosophical dimensions. As a way to address and overcome the breakdown of ethical frameworks brought about by neoliberalism and globalization, the article emphasizes the need to strengthen ties of solidarity, uniting citizens for the greater good.

Keywords: literature; philosophy; ethics; solidarity; pandemic.

Existe uma literatura e uma filosofia dos vírus, da peste, da epidemia e da pandemia. A *peste*, de Albert Camus, é um clássico exemplo do romance filosófico existencial. A postura de

¹ O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00131857.2020.1750091?scroll=top&needAccess=true>. Esta tradução tem objetivos estritamente pedagógicos e científicos e não tem fins lucrativos. A permissão do autor Michael A. Peters e do periódico *Educational Philosophy and Theory (EPAT)*, detentores dos direitos sobre o conteúdo, foi obtida por escrito, através do e-mail: mpeters@bnu.edu.cn, em 31 jul. 2020.

² Professor Benemérito da Universidade Normal de Pequim; Professor Emérito da Faculdade de Educação da Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, EUA; Professor Catedrático da Universidade de Auckland, Nova Zelândia; Professor Afiliado do *Wilf Malcolm Institute of Educational Research (WMIER)* da Universidade de Waikato, Nova Zelândia; PhD em Filosofia da Educação pela Universidade de Auckland (1984); Mestre de primeira classe em Filosofia pela mesma universidade (1979-80); Bacharel em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Victoria de Wellington, Nova Zelândia (1966-69), com grau honorário em Geografia (1970); editor-chefe do periódico *Educational Philosophy and Theory (EPAT)*.

³ Daniel Paiva Vasconcelos é Mestre em Letras: Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (FALE/UFJF). E-mail: danielpvjf20@yahoo.com.br

⁴ Liziane Kugland de Souza é Mestre em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IL/UFRGS). E-mail: liziane.kugland@gmail.com

Camus é a de que em um mundo sem sentido a peste fornece uma oportunidade moral para as pessoas se descobrirem ao se sacrificarem pelo bem maior: “O que é verdade em relação aos males deste mundo é também verdade em relação à peste. Pode servir para engrandecer alguns.”⁵ Como comentei em relação a *A peste* de Camus: “A empatia é um pré-requisito para um mundo saudável, e empatia demanda comunidade” (PETERS, 2020). A máxima de Jacinda Ardern é “aja como se você tivesse Covid-19” — o que é uma completa inversão ética projetada para sensibilizar a população e criar coesão comunitária. É o princípio perfeito que aprimora a vida moral e é tão simples quanto a sabedoria popular: “Ponha-se no lugar do outro”. O “como se” ajuda a dar a força de lei moral expressa como obrigação moral em relação ao outro.

A filosofia de pandemia é verdadeiramente uma filosofia para todos os povos. Ela reflete não somente o significado humano da peste e da praga ou o surgimento de vírus modernos como o da Covid-19⁶, que demonstram a transição entre espécies, mas também temas individuais/comunitários — interesse próprio e responsabilidade coletiva, o sacrifício dos trabalhadores da atenção primária à saúde⁷ e todos aqueles que, na ética do outro, oferecem um nível de cuidados em uma era neoliberal menos ligada ao dever ou ao *ethos* do trabalho e mais a valores de mercado.

A filosofia dos vírus e pandemias é frequentemente concebida como uma ética do autoisolamento e dos efeitos humanos do isolamento social, bem como suas brechas comunitárias⁸. Essa filosofia também pode ser vista como uma ética do cuidado com os infectados, um dever de tratamento. Heidi Malm e seus colegas afirmam:

⁵ CAMUS, Albert. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 120. [N. do T.]

⁶ O vírus causador da Covid-19 é o *coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2* (SARS-CoV-2). [N. do T.]

⁷ No original, *first-contact health workers*. [N. do T.]

⁸ No original, *community breeches* [sic]. Os significados de *breech* (culatra, nádegas, traseiro, pélvico, vestir as calças...) e *breach* (violação, infração, quebra, ruptura, brecha, falha...) são completamente diferentes. No entanto, uma consulta ao *Merriam-Webster* revela que um editor se deparou com um artigo publicado no *Daily Beast* em 10 de setembro de 2011, no qual a autora defendia que os Democratas precisavam de uma líder impetuosa nos EUA. A articulista alegava que, naquele ano, faltara à esquerda norte-americana uma forte voz progressista e, então, afirmava: “*This is exactly the breech [sic] into which progressive women should step.*” (“Esta é exatamente a brecha que as mulheres progressistas deveriam preencher.”). O dicionário informa que os primeiros registros de *breech* e *breach* datam de mais de mil anos atrás. As palavras em *Old English* das quais derivam são, respectivamente, *brēc*, que era o plural de uma palavra que se referia a coberturas para as pernas, e *bræc*, que designava o ato de quebrar. Em *Middle English*, apesar das grafias similares, as palavras não eram muito confundidas. Os significados da palavra *breche* geralmente ficavam claros pelo contexto, conforme os exemplos a seguir:

Attempted the breche or violation of the same statutes. (“Tentada a infração ou violação dos mesmos estatutos.”) — *Atos do Parlamento*, 1533-34.

Get the a lynn breche, and gyrd it aboute thy loynes. (“Pega um cinto de linho, e põe-no sobre os teus lombos.”) — *Bíblia (Jeremias 13:1)*, 1535.

Ainda de acordo com o *Merriam-Webster*, ao contrário do que afirmam alguns comentadores, não há evidências de que o uso incorreto de *breech* e *breach* tenha se espalhado amplamente na língua inglesa. O fenômeno foi

Numerosos fundamentos foram oferecidos à visão de que os profissionais de saúde têm um dever de tratar, inclusive consentimento expreso, consentimento implícito, treinamento especial, reciprocidade (também chamada de *visão do contrato social*) e juramentos e códigos profissionais. (MALM *et al.*, 2008)

Eles examinam criticamente esses fundamentos de modo a constatar que geralmente são assegurados, mas não adequadamente defendidos. Em sua investigação, argumentam que “nenhuma dessas defesas é suficiente atualmente para fundamentar o tipo de dever que seria necessário em uma pandemia”, porque elas não levam em conta os conflitos enfrentados por profissionais de saúde que, expostos à vulnerabilidade na linha de frente, experimentam conflitos éticos com a separação da família e longas horas de trabalho, bem como a possibilidade de exposição fatal. O dever de tratamento e a ética do cuidado requerem uma lógica situacional que modifique o universalismo “raso” de um imperativo ético com casos da vida real, de experiência e “sacrifício”, nos quais os trabalhadores da linha de frente se oferecem a serviço de concidadãos mesmo com enorme custo pessoal.

Existe também a ética do autoisolamento e do distanciamento social. O perfil epidemiológico de grupos de risco em relação à Covid-19, com uma probabilidade claramente desproporcional de afetar a faixa etária acima de 70 anos e especialmente homens que sofrem de insuficiência respiratória, não está afastado dos jovens *millennials*⁹ que foram flagrados festejando na Flórida durante o feriado de Páscoa ou dos australianos predominantemente mais jovens tomando banho de sol em Bondi Beach, após várias medidas de *lockdown*¹⁰ e distanciamento social terem sido anunciadas.

identificado em um número relativamente pequeno de casos nos arquivos do dicionário, especialmente em expressões mais abstratas como *breach of contract* (quebra de contrato) — 1% dos usos. A ocorrência dessa confusão lexical é mais comum na expressão *into/unto the breach* (na/até a brecha) — 10% do número total de citações. O *Merriam-Webster* ressalta que *breech* é quase sempre usado em situações físicas, não metafóricas, como *a breech birth* (um parto pélvico), *the breech of a rifle* (a culatra de um rifle), *the baby's breech presentation* (a apresentação pélvica do bebê), *a pair of breeches* (um par de calças). Já *breach* é usado em situações mais metafóricas, como *a breach of contract* (uma quebra de contrato), *moving into the breach* (entrando na brecha), *the law being breached* (a lei sendo violada). Cf. nota de uso “‘Breech’ vs. ‘Breach’”, publicada no dicionário online *Merriam-Webster*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/breach-breech-usage>. Acesso em: 07 ago. 2020. [N. do T.]

⁹ Também conhecidos como *geração Y*, *geração da internet*, ou *milênicos*. O instituto de pesquisa *Pew Research Center* (PRC) classifica como *geração Y* os nascidos entre 1980 e 1995, podendo se estender até os primeiros cinco anos dos anos 2000 (2000-2005), segundo alguns autores. Cf. verbete “Geração Y”, publicado na enciclopédia online *Wikipédia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Y. Acesso em: 08 ago. 2020. [N. do T.]

¹⁰ Trata-se, de acordo com o *Merriam-Webster*, de uma condição temporária estabelecida por autoridades governamentais que obriga as pessoas a permanecerem em casa e refreia ou limita atividades fora do ambiente doméstico envolvendo contato público e/ou grandes aglomerações. Em um contexto de surto de uma epidemia ou pandemia, o bloqueio total (ou confinamento) é a medida mais rígida para fazer baixar a curva de contaminação da doença. Os decretos de *lockdown* podem prever multas e até prisão para quem não cumprir as ordens impostas. No entanto, mesmo em caso de *lockdown*, alguns indivíduos podem continuar a trabalhar fora de casa por

Talvez o melhor caso de contravenção da ética do distanciamento social, que depende da responsabilidade das pessoas de manter uma distância de dois metros umas das outras, sejam as compras por pânico¹¹, nas quais todos ficam em longas filas muito próximos de outros consumidores com seus carrinhos de supermercado abarrotados de rolos de papel higiênico. As compras por pânico para o autoisolamento e para ficar em casa facilmente resvalam para uma mentalidade de cerco¹². Isso ficou evidente em supermercados da Nova Zelândia e da Austrália, onde consumidores comprometiam todos os padrões de segurança para estocar pilhas de produtos domésticos, embora tivessem sido repetidamente avisados de que as cadeias de abastecimento estavam intactas e de que os supermercados ficariam abertos e não faltariam mercadorias.

Não obstante, nesses casos poderia ser alegado que essas pessoas em algum nível agem por medo ou interesse próprio, apesar das informações claras e também dos argumentos nacionais em prol do bem maior. Por outro lado, elas ficam receosas e mostram seu comportamento como consumidoras comprando por pânico, e, assim, também privando conscientemente as outras e criando possíveis escassezes. Esse é um exemplo de irracionalidade coletiva cumulativa, igualmente baseada em uma versão extrema de individualismo competitivo — ao invés de uma forma de responsabilidade comunitária coletiva e cuidado com o outro — que é sensata e racional de um ponto de vista individual, mas estranha, absurda, irracional do ponto de vista comunitário, público, coletivo (muitas vezes também a longo prazo).

Em termos epistemológicos, o social repete o biológico: o vírus existe enquanto pode se espalhar, caso contrário enfrenta um esgotamento natural; o isolamento bem-sucedido depende da responsabilidade social de todos os cidadãos para se autoisolar e respeitarem o princípio ético de que uma população é tão saudável quanto seu elo mais fraco. Essa é uma questão de epistemologia em parte envolvendo conhecimento epidemiológico sobre a taxa de infecção e modelos de transmissão, a forma como os vírus podem se interpor à parede celular. A epidemiologia é a ciência da medição da doença em relação à população de risco, “indícios para

exercerem atividades consideradas essenciais, como aquelas do setor de saúde, segurança, obras públicas e abastecimento alimentar. Cf. verbete “*lockdown - noun*”, publicado no dicionário online *Merriam-Webster*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/lockdown>. Acesso em: 08 ago. 2020. [N. do T.]

¹¹ No original, *panic buying*. [N. do T.]

¹² No original, *siege mentality*. Em psicologia, “mentalidade de cerco” designa a atitude paranoica de se manter na defensiva como se o outro fosse sempre hostil. O termo deriva da experiência real de defesas militares em cercos. [N. do T.]

a etiologia¹³ vêm da comparação de taxas de doenças em grupos com diferentes níveis de exposição”.¹⁴

Alguns filósofos se dedicaram ao risco moral e à ciência dentro de uma sociedade democrática, e outros a temas tradicionais do autoisolamento, autoafastamento, do aparente absurdo.¹⁵ Philip Kitcher discute a ineficácia do rastreamento nos EUA, que aumenta a taxa ao invés de baixá-la, e sugere que o país siga o exemplo de duas semanas de isolamento social.¹⁶

O significado filosófico da peste e da praga na sociedade humana, sua interpretação religiosa como a ira de Deus e um castigo espiritual, sua representação simbólica e usos de “emergência” política (o “estado de exceção” de Agamben) esclarecem o sentido do ser humano, do autoisolamento, da suspeita do outro e se realmente existe sentido fora das comunidades humanas. Os “romances de contágio” do século XX dão origem ao romance de ficção pós-apocalíptica e seu lugar na literatura moderna. São Sebastião, morto em 288 e padroeiro das vítimas da peste, exemplificou um martírio abnegado, que era um tema comum na arte renascentista e retornou na era moderna.¹⁷ Como nota John Dugdale, do *Guardian*:

A trilogia *MaddAddão*, de Margaret Atwood; *Inferno*, de Dan Brown; a trilogia *Plague Times [Tempos de peste]*, de Louise Welsh; o *best-seller* de suspense *Eu sou o peregrino*, de Terry Hayes; a série de TV *Utopia* — histórias sobre pandemias (já grassando ou em risco de ser desencadeadas) são abundantes atualmente, baseando-se em surtos passados, mas também parecendo estranhamente antecipar os temores sobre o vírus Ebola. Embora essas ficções possam frequentemente ser estereotipadas ou grosseiramente sensacionalistas, o tema das doenças infecciosas há muito atrai autores ilustres [...]”¹⁸

Jeffrey S. Sartin (2019) observa que temas infecciosos dominaram a ficção de horror, remontando a textos babilônicos e hebraicos, a certos “textos cruciais” da ficção de horror

¹³ Do grego *αἰτία*, *aitía*, “causa” + *λόγος*, *lógos*, “palavra”, “discurso”, “razão”, “estudo”, “teoria”. Etiologia é o “campo do conhecimento que estuda as origens e causas das coisas”. Em medicina, “estudo ou pesquisa das causas das doenças”. Cf. verbete “etiologia”, publicado no dicionário online *Caldas Aulete*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/etiologia>. Acesso em: 12 ago. 2020. [N. do T.]

¹⁴ Cf. THE BMJ. *Chapter 1. What is epidemiology?* Disponível em: <https://www.bmj.com/about-bmj/resources-readers/publications/epidemiology-uninitiated/1-what-epidemiology>. [N. do A.]

¹⁵ Cf. KITCHER, Philip; HAYWARD, Max Khan; GUBLER, Simone. *PPE in a Time of Pandemic: Moral Dilemmas, Moral Risk, and Science in a Democratic Society*. Disponível em: <https://ppe.unc.edu/event/ppe-in-a-time-of-pandemic/>. [N. do A.]

¹⁶ Cf. KITCHER, Philip. *Coronavirus, Welcome to America!* Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/short-takes/coronavirus-welcome-america/>. [N. do A.]

¹⁷ Cf. PANIZZA, Silvia. *Philosopher in Italian coronavirus lockdown on how to think positively about isolation*. Disponível em: <https://theconversation.com/philosopher-in-italian-coronavirus-lockdown-on-how-to-think-positively-about-isolation-133859>. [N. do A.]

¹⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2014/aug/01/plague-fiction-writers-infectious-disease>.

vitoriana e ao nascimento do cinema de horror.¹⁹ Michele Augusto Riva, Marta Benedetti e Giancarlo Cesana (2014), refletindo sobre a natureza do medo e da literatura pandêmicos, fornecem uma análise de *A praga escarlata* (1912), de Jack London, como “um dos primeiros exemplos de um romance de ficção pós-apocalíptica na literatura moderna”.²⁰ Como observam, o romance pioneiro de London nessa tradição moderna reflete sobre “o medo ancestral dos humanos em relação a doenças infecciosas”. Eles escrevem sobre a calamidade da peste e da praga no mundo antigo, onde se pensava que as pandemias eram provocadas por ofensas contra os deuses.²¹ Também mencionam Boccaccio e Chaucer, que comentaram os temas da corrupção e da ganância nos tempos da peste; *O último homem* (1826), de Mary Shelley; e o conto “A máscara da morte rubra” (1842), de Edgar Allan Poe. Eles concluem:

Apesar de ter sido publicado há um século, *A praga escarlata* apresenta as mesmas preocupações que enfrentamos hoje, como demonstrado pelo grande sucesso subsequente desse romance e o contínuo *topos* literário da peste. Com efeito, nas décadas seguintes, o romance de London inspirou outras obras literárias, inclusive *Earth Abides [A Terra permanece]*, de George R. Stewart, em 1949; *Eu sou a lenda*, de Richard Matheson, em 1954; e *A dança da morte*, de Stephen King, em 1978, bem como o filme *blockbuster* moderno²², como *Os 12 Macacos* (1995), *Extermínio* (2002), *Vírus* (2009) e *Contágio* (2011). (AUGUSTO RIVA *et al.*, 2014, p. 1756)

Severance [Divisão] é um romance distópico de zumbis e pandemia, uma sátira apocalíptica de Ling Ma que acompanha Candace Chen, “uma *millennial*²³, americana de primeira geração e escriturária²⁴, vagando até a idade adulta” (sinopse). *Estação Onze* é um romance de 2014, de Emily St. John Mandel, que explora uma pandemia viral (a gripe da Geórgia) que explodiu “como uma bomba de nêutrons na superfície da terra”, exterminando quase toda a população global. A Sinfonia Itinerante²⁵ é um grupo de teatro itinerante que entretém o que restou dos Estados Unidos interiorano.

¹⁹ Cf. SARTIN, Jeffrey S. *Contagious Horror: Infectious Themes in Fiction and Film*. Disponível em: <http://www.clinmedres.org/content/17/1-2/41.long>. [N. do A.]

²⁰ Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/268450283_Pandemic_Fear_and_Literature_Observations_from_Jack_London's_The_Scarlet_Plague. Acesso em: 27 mar. 2020. [N. do A.]

²¹ Cf. GREENBLATT, Stephen. *Invisible Bullets: What Lucretius Taught Us About Pandemics*. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/invisible-bullets-what-lucretius-taught-us-about-pandemics>. [N. do A.]

²² Filme de entretenimento e grande sucesso de bilheteria. [N. do T.]

²³ Cf. nota 6. [N. do T.]

²⁴ No original, *office drone*. [N. do T.]

²⁵ MANDEL, Emily St. John. *Estação Onze*. Tradução Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. [N. do T.]

O romance pós-apocalíptico na literatura moderna que foca o contágio e a pandemia é também a base de temas distópicos de zumbis que tomaram conta de romances, filmes, da TV e da mídia popular pós-modernos. Zumbis têm uma complexa herança literária e cinematográfica derivada do folclore. “Zumbi” vem do francês e do folclore haitianos para descrever um morto reanimado por magia, o qual experimentou uma explosão de cultura popular, de modo que a “cultura zumbi” é encontrada nos gêneros horror e fantasia. A palavra *zombie* [zumbi] é registrada pela primeira vez em 1819 em inglês por um poeta em um relato da história do Brasil.²⁶ Os antecedentes literários variam, baseando-se no folclore europeu dos mortos-vivos, inclusive *Frankenstein*, de Mary Shelley, e um filme pioneiro, *Zumbi Branco*, dirigido por Victor Halperin, e estrelando Bela Lugosi. A cultura popular baseia-se em uma nova versão tirada de *A Noite dos Mortos-Vivos*, de George A. Romero, inspirado no romance de 1954 de Richard Matheson *Eu sou a lenda*. O videoclipe de 1982 de Michael Jackson “Thriller” bateu todos os recordes de vendas. A metáfora zumbi do morto-vivo é uma interpretação do contágio e da pandemia, mas também reflete o consumismo, a saúde pública e a política. A doutrinação do público por conspirações de redes sociais e da juventude por meio do sistema educacional também são exemplos de zumbismo, especialmente quando se espera que os estudantes regurgitem informações.

A figura do zumbi aumenta uma ansiedade cultural de perda com o misterioso surto de uma peste altamente infecciosa que transforma as pessoas em mortos-vivos. (O vírus da Covid-19 aparentemente pode sobreviver em superfícies duras por até 72 horas). Alguns comentaristas defendem que essas narrativas ficcionais apocalípticas fornecem uma oportunidade para superar o trauma do colapso de princípios éticos após a globalização e para lidar com o apetite aparentemente sem fim pela violência humana demonstrado em um mundo multipolar com a ascensão de múltiplas formas de terrorismo e mostrado em todas as formas de mídia. Esses dramas são essencialmente sobre nós mesmos e representam nossa tentativa ética de lidar com medos profundos relacionados à morte e à extinção. Em *Zombie Politics & Culture in the Age of Casino Capitalism* [Política & cultura zumbis na era do capitalismo-cassino], Henry Giroux (2011) aproveitou a popularidade dos zumbis na cultura popular, explorando a relevância da metáfora que eles fornecem para examinar as condições políticas e pedagógicas que produziram uma crescente cultura de sadismo, crueldade, descartabilidade e morte nos EUA.

²⁶ Robert Southey (1774-1843), em *História do Brasil* (1810-19), ao mencionar Zumbi dos Palmares. O líder quilombola era assim chamado porque tinha fama de ser imortal, um poderoso espírito. Cf. MARTON, Fábio. O que os zumbis do cinema têm a ver com Zumbi dos Palmares? Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/consciencia-negra-zumbi-filmes-haiti.phtml>. Acesso em: 17 ago. 2020. [N. do T.]

A tradição apocalíptica é profundamente enraizada em narrativas judaicas e cristãs como uma fonte de literatura revelatória que é orientada para o “fim dos tempos” (DERRIDA, 1984; DERRIDA *et al.*, 1984). Esse gênero e essa tradição se reafirmaram como uma forma de pensar altamente relevante para estruturar o pensamento no que concerne à filosofia e à educação no “fim dos tempos” — uma era antropocêntrica ameaçada pela extinção ecológica, nuclear e biológica (PETERS, 2011).

O célebre e premiado romancista e jornalista colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), um reconhecido mestre da língua espanhola, escreveu *O amor nos tempos do cólera* (*El amor en los tiempos del cólera*) em 1985. Foi publicado em tradução para o inglês em 1988 e transformado em um filme dirigido por Mike Newell, lançado em 2007. A ação se passa na cidade amuralhada de Cartagena, na Colômbia, no final do século XIX, envolvendo um triângulo amoroso entre Florentino Ariza, que se apaixona à primeira vista por Fermina Daza, que se casa com o escolhido de seu pai, Dr. Juvenal Urbino. Quando o médico morre, Florentino imediatamente volta a cortejar Fermina.

O termo “cólera” em espanhol na forma feminina também pode significar “paixão”, além da doença, vide o significado da palavra *choleric* (colérico/a/s) na língua inglesa, frequentemente interpretada como “mal-humorado/a (s)” ou “irritável (eis)”. Colérico na medicina greco-romana era considerado um dos quatro temperamentos, junto com sanguíneo, melancólico e fleumático (relacionados aos fluidos vitais do corpo — sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra). Hipócrates considerava os quatro temperamentos como parte do sistema *humoral*, um conceito traduzido do grego *chymos* (seiva), que ajudou a formalizar intuições da medicina aiurvédica e egípcia.

O título de Márquez é baseado nessa ambiguidade sistemática — cólera significando *tanto* doença *quanto* paixão. O amor é uma doença comparável à (ao) cólera e cria sintomas e efeitos físicos como a paixão. Márquez é frequentemente chamado de realista mágico, um rótulo que define um estilo que complementa e modifica o realismo com um ingrediente fantástico através de fábulas, mitos e do uso da alegoria, muitas vezes com elementos sobrenaturais apresentados de forma impassível. É um estilo que veio a descrever uma forma particular de ficção latino-americana que se baseia no fabulismo e no surrealismo, com uma conexão conceitual com o pós-modernismo (D’HAEN, 1995). Isso está em conformidade com Lyotard (2009), que sugere que o pós-modernismo é “o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX” (p. xv). Fredric Jameson (1984), no prefácio, escreve que Lyotard apresenta o pós-modernismo “não como aquilo que sucede ao modernismo e sua crise de

legitimação particular, mas sim como um momento cíclico que retorna antes da emergência de sempre novos modernismos” (LYOTARD, p. xvi).²⁷ O realismo mágico é um momento histórico na ficção latino-americana no qual as velhas justificativas para metanarrativas no que concerne às regras fundacionalistas para o conhecimento, a literatura, a religião ou a política deixaram de ser coerentes: mito e poética se misturam em novas ecologias narrativas²⁸ que criam novos gêneros e perspectivas (FARIS, 2016).

Cólera tanto como doença quanto como paixão aponta para sugestivos paralelos, mas não uma cópia exata. Os sintomas para 20% das pessoas que contraem cólera são diarreia grave, vômito e cãibra, bem como desidratação, choque séptico e até óbito, às vezes em questão de poucas horas. Mas há febre, temperaturas altas e delírio. O delírio causa confusão mental e distúrbio emocional. Às vezes torna-se difícil pensar, ou lembrar, ou dormir. Esses sintomas secundários podem ser vistos como uma paixão. Cartagena, no final do século XIX, escapou da devastação da primeira pandemia de cólera que se espalhou do delta do Ganges. A segunda pandemia, de 1833, alcançou a América Latina, e a epidemia de 1991-93 matou quase 10 mil pessoas no continente, acredita-se que principalmente por mariscos contaminados e tratamento inadequado da água (GUTHMANN, 1995).

A ameaça de contágio cria duas emoções negativas opostas — a atitude despreocupada e extremamente individualista das pessoas que pensam que o *lockdown* pode ser desconsiderado e que fornece todos os tipos de oportunidades para quebrar o isolamento; e o outro extremo, baseado no medo profundo de uma morte iminente e dolorosa, que estigmatiza, silencia e envergonha aqueles que sofrem com a doença (SONTAG, 1978). Ambas são uma ruptura da solidariedade que é minimamente requerida para proteger as pessoas.²⁹ Também cria um *ethos* de comunidade, unindo os cidadãos em uma luta contra o vírus invisível, apresentado

²⁷ LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. p. xv. [N. do T.]

²⁸ Ecologias narrativas podem ser vistas como espaços onde, por analogia com ecologias naturais, diferentes elementos e populações da narrativa emergem, interagem, competem, se adaptam, se desenvolvem e morrem. Em todas as suas vicissitudes, narrativas e contra-narrativas dependem umas das outras para o sustento e o vigor, como diferentes populações de espécies habitando o mesmo ecossistema. Assemelham-se a animais e plantas habitando um ecossistema que não é restringido ou limitado por bordas e fronteiras nacionais formais. Do mesmo modo, narrativas e contra-narrativas não são restringidas por fronteiras formais, nacionais, culturais ou organizacionais. Cf. GABRIEL, Yiannis. *Narrative ecologies and counter-narratives*. Disponível em: <http://www.yiannisgabriel.com/2016/08/narrative-ecologies-and-counter.html#:~:text=Narrative%20ecologies%20can%20be%20viewed,%2C%20adapt%2C%20develop%20and%20die>. Acesso em: 18 ago. 2020. [N. do T.]

²⁹ Cf. BRODY, Richard. *Coronavirus Diary: Antisocial Distancing*. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/the-front-row/coronavirus-diary-antisocial-distancing>. [N. do A.]

visualmente em termos científicos, e convocando a comunidade a “ser generosa, ficar em casa e lavar as mãos”: “Juntos podemos desacelerar a disseminação”.³⁰

Referências:

AUGUSTO RIVA, Michele; BENEDETTI, Marta; CESANA, Giancarlo. Pandemic Fear and Literature. Observations from Jack London’s *The Scarlet Plague*. **Emerging Infectious Diseases**, v. 20, n. 10, p. 1753-1757, out. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268450283_Pandemic_Fear_and_Literature_Observations_from_Jack_London%27s_The_Scarlet_Plague. Acesso em: 27 mar. 2020.

D’HAEN, Theo L. Magical Realism and Postmodernism: Decentering Privileged Centers. In: ZAMORA, Louis Parkinson; FARIS, Wendy B. (Ed.). **Magical Realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995. p. 191-208.

DERRIDA, Jacques. Of an Apocalyptic Tone Recently Adopted in Philosophy. Tradução John P. Leavey, Jr. **Oxford Literary Review**, v. 6, n. 2, p. 3-37, 1984. [DERRIDA, Jacques. **De um tom apocalíptico adoptado há pouco em Filosofia**. Tradução Carlos Leone. Lisboa: Vega, 1997.]

DERRIDA, Jacques; PORTER, Catherine; LEWIS, Philip. No Apocalypse, Not Now (Full Speed Ahead, Seven Missiles, Seven Missives). **Diacritics**, v. 14, n. 2, Nuclear Criticism, p. 20-31, 1984.

FARIS, Wendy B. The Latin American boom and the invention of magical realism. In: McHALE, Brian; PLATT, Len (Ed.). **The Cambridge History of Postmodern Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 143-158.

GUTHMANN, J. P. Epidemic cholera in Latin America: spread and routes of transmission. **Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 98, n. 6, p. 419-427, 30 nov. 1995.

JAMESON, Fredric. Foreword. In: LYOTARD, Jean-François. **The Postmodern Condition: A Report on Knowledge**. Tradução Geoffrey Bennington; Brian Massumi. Manchester: Manchester University Press, 1984. p. vii-xxiii.

LYOTARD, Jean-François. **The Postmodern Condition: A Report on Knowledge**. Tradução Geoffrey Bennington; Brian Massumi. Manchester: Manchester University Press, 1984. [LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.]

MALM, Heidi; MAY, Thomas; FRANCIS, Leslie P.; OMER, Saad B.; SALMON, Daniel A.; HOOD, Robert. Ethics, Pandemics, and the Duty to Treat. **The American Journal of Bioethics**, v. 8, n. 8, p. 4-19, 18 set. 2008.

³⁰ Cf. NEW ZEALAND GOVERNMENT. *Unite Against Covid-19*. Disponível em: https://covid19.govt.nz/?gclid=Cj0KCQjwpfHzBRCiARIsAHHzyZpaKqa6L83NZ5NL-1i7UoEMDtytrvvhyMoieaP5c2bjGk0hk_0hiaoaAttiEALw_wcB. [N. do A.]

PETERS, Michael A. **The Last Book of Postmodernism**: Apocalyptic Thinking, Philosophy and Education in the Twenty-First Century. Nova York: Peter Lang, 2011.

PETERS, Michael A. *The Plague*: Human Resilience and the Collective Response to Catastrophe. **Educational Philosophy and Theory**, p. 1-4, 2 abr. 2020.

SONTAG, Susan. **Illness as metaphor**. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1978.

[SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Tradução Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.]